

Ficha Técnica:

Título Original: Tudo o Que Ficou Para Trás

Autora: Filipa Féria

Copyright © Filipa Féria

Copyright © Nova Geração

Coordenação Editorial: Tânia Roberto

Revisão: Tânia Roberto e Rosalina Marques

Edição: Tânia Roberto

Design/Diagramação: Tânia Roberto

Design de Capa: Catarina C. Branco

Imagem de Capa: Freepik

1ª Edição: março de 2024

Acabamento/Impressão: Gráficas Ulzama

© 2024

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem prévia autorização.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens ou acontecimentos são fruto da imaginação da autora ou usados de forma fictícia e qualquer semelhança com pessoas e acontecimentos reais é mera coincidência.

[Instagram.com/editoranovageracao](https://www.instagram.com/editoranovageracao)

[Facebook.com/editoranovageracao](https://www.facebook.com/editoranovageracao)

Depósito Legal: 529131/24

ISBN: 978-940-3737-04-1

A todos aqueles que amo

Capítulo 1

Mónica



Se existia melhor som que o da água a correr para encher a banheira após um dia extenuante, juro que não conhecia. O dia mostrou-se cansativo, como há muito tempo não me acontecia. Sentei-me na beira da cama para me despir, mas só conseguia sentir os pés dormentes, resultado de um dia inteiro em pé. Mais do que relaxar, aquilo de que realmente precisava era de umas férias. Mas como nem sequer tinha dinheiro para as desfrutar, restava-me tirar partido da minha banheira. É como se fossem as minhas Maldivas improvisadas. Mas como sonhar não custa, ia só imaginar que estava a saborear cada segundo de umas merecidas férias.

Ganhei coragem e levantei-me para me despir. Pareceu-me ouvir cada osso do corpo a estalar, mas de momento só conseguia pensar na água quente e no copo de vinho tinto que estava à minha espera. Demorei o dobro do tempo que, regra geral, levava para despir toda e qualquer espécie de roupa, o que não era de estranhar, já que fiquei uns bons cinco minutos apenas a olhar para as meias, como se através do pensamento elas pudessem simplesmente sair sozinhas. Arrastei um pé em direção à casa de banho, mas parei e repensei, acabando por convencer-me a levar o telemóvel.

Senti a água a lambe-me a pele assim que deslizei completamente para dentro dela. Fechei os olhos e comecei a imaginar-me nas Maldivas, deitada, com um *cocktail* ao meu lado, para me refrescar. Este era o meu fim de dia ideal. Definitivamente, precisava de sentir o cheiro do mar, o sal da água na pele.

Preciso de limpar estas más energias! Saiam daqui!... ok, estava a ficar doida. Andava de tal forma cansada que já equacionava a hipótese de existirem energias boas ou ruins. É engraçado como pensamos em coisas nas quais não acreditamos para nos convencermos a nós mesmos que não estamos a dar demais, a exigir demasiado. Mas agora, e disso tinha a certeza, o que precisava era de praia, de sol, de calor e de relaxar. E por falar em relaxar, devo ter-me deixado deslizar demasiado para dentro de água, porque a mesma se infiltrou pelas narinas. Assustada levantei a cabeça, e decidi que é melhor ativar o temporizador do telemóvel. Andava a dever horas de sono à cama e

isso começava a refletir-se na pele e na minha energia diária. Cada vez me sentia mais cansada, sem vontade para nada, nem para comer, o que já se refletiu na balança, que, recentemente, acusou menos cinco quilos. Se bem que o que mais me preocupava era algum problema de saúde que daí podia advir, como uma anemia ou algo semelhante. E quase adormecer no banho, o que, convenhamos, seria morte certa por afogamento.

Ainda tinha muito para viver, seja lá o que for que isso significasse. Na realidade viver era a última coisa que fazia. Sobrevivia. Por vezes arranjava um tempinho e passava-o no bar com a Raquel, mas verdade seja dita, que se ela não me ligasse, juro que vinha logo para casa. Andava completamente enfiada dentro da minha concha e não queria sair. O que se passava comigo? Eu era uma pessoa alegre e sociável. Mas agora? Até a palavra sociável me causa fobia.

Saboreio a água a esquentar, *que sensação! Estava a voltar ao meu oásis quando o telemóvel tocou. A sério!? Logo agora? Mas eu não tenho direito a relaxar? Nem na minha improvisação de Maldivas? Que se lixe! Queria o meu tempo! Deixa tocar é melhor. Tens direito ao teu momento*, pensei, já irritada. Baixei-me mais um pouco e o telemóvel voltou a tocar de forma insistente. Não andava, de todo, numa maré de sorte e definitivamente o universo não estava a meu favor. Agoirando e chamando todos os nomes a quem quer que fosse, decidi que era melhor atender. Só esperava que fosse *telemarketing* para ao menos descarregar a minha frustração. Quando reparei no nome que estava gravado achei estranho. Não era hábito ser tão insistente. O meu coração começou a bater descompassadamente, as mãos tremeram-me de tal forma que deixei cair o telemóvel. Algo dentro de mim me dizia que não vinham boas notícias a caminho. Só de pensar assim, senti a garganta a ficar seca e o estômago ameaçou deitar cá para fora a pouca comida que ainda lá tinha.

Acabei por conseguir atender, após deixar cair o telemóvel mais uma vez e voltarem a ligar.

— Sim, Dona Hermínia? Tudo bem consigo? — A toalha que enrolei envolta do corpo ao sair da banheira, começou a escorregar.

O barulho de fundo deixou-me congelada. Todo o corpo me tremeu. Senti como se o meu corpo ficasse sem pinga de sangue. Não pensei mais e fiz aquilo que a minha cabeça me mandou. Desliguei a chamada e liguei imediatamente para as urgências.

Corri para o quarto e vesti a primeira coisa que encontrei. Tropecei em tudo e deixei algumas coisas caírem. *Se as mãos me parassem de tremer, conseguiria despachar-me mais depressa.*

Tive de sentar-me no chão, encostada à cama, durante algum tempo, para tentar controlar a respiração. Não queria que a Dona Hermínia me visse neste estado. Ela precisava de ajuda, não de me ver assim.

A garganta seca e a vontade de vomitar continuavam furiosamente presentes dentro de mim, e não tinha outra opção a não ser correr para a casa de banho.

A imagem que o espelho refletia é assustadora. A pele baça e pálida, as olheiras profundas. Os olhos húmidos e os lábios secos. Estava um caco, por dentro e por fora.

Mas não era altura de pensar em mim. Peguei nas chaves e saí.



Capítulo 2

Mónica

Não sei como, mas cheguei ao mesmo tempo que a ambulância. Nunca havia conduzido tão rápido. Dizem que a pressa é inimiga da perfeição, mas hoje, poderia dizer que desrespeitar essa regra, imperiosa para mim, não me afetou. Se respeitei todos os sinais vermelhos? Não tenho a certeza de tê-lo feito, mas também não estava em condições financeiras de levar uma multa. A porta traseira da ambulância abriu-se e uma Dona Hermínia sem cor, lívida, e com um ar ausente saiu de lá, deitada numa maca. Se o sangue me gelou ao ouvir o seu pedido de ajuda, já com a voz fraca, agora desapareceu por completo. Aquela imagem paralisou-me e deixou-me arrepiada. Um zumbido nos ouvidos, uma tontura e senti-me de novo a sucumbir. Nunca imaginei assistir a isto. Aos olhos de quem a conhecia, a Dona Hermínia sempre foi vista como uma mulher forte e saudável, apesar da idade já avançada. Aquela mulher de armas sempre fora uma referência para mim, e nos últimos anos ficamos muito chegadas. Era a avó que eu nunca conheci. Afeiçoei-me a ela de tal forma que a amava como se fosse sangue do meu sangue.

— Meu Deus! Como é que ela está? — Corri para perto da maca, agarrando-lhe na mão, antes de os bombeiros me afastarem.

— Quando chegamos ao local já se encontrava sem sentidos. Tivemos de arrombar a porta para entrar. Agora deixe-nos passar. Ela tem de ser vista. — Levaram a maca para dentro e eu fiquei aqui, parada, sem saber o que fazer. Tinha várias questões para colocar, dúvidas para serem respondidas.

Os nervos retornaram e tomaram conta de mim. Já há três horas que me encontrava nas urgências e continuava sem notícias. *Que dia!* O desespero começou a tomar conta de mim e, de quinze em quinze minutos, desloquei-me à receção na esperança de obter alguma informação. Contudo, a resposta era sempre a mesma. *Espere pelo médico.* As pernas doíam-me de tanto andar de um lado para o outro, mas estar quieta era difícil para mim. A adrenalina percorria-me as veias, o que fazia com que os passos fossem dados com maior celeridade.

Deambulei pela entrada do hospital no que me pareceu mais do que uma hora, até o meu cérebro colapsar. Dei-me por vencida e sentei-me com a nuca encostada à parede. Fechei os olhos por momentos, e o cansaço começou a levar a melhor. Mas não podia adormecer. Senti a garganta apertada e uma vaga de choro iminente a querer explodir. Não era a hora nem o lugar para me entregar a este sufoco. Só queria ir para casa, com a Dona Hermínia ao meu lado. Por momentos, deixei-me imergir num vazio.

— Mónica! Mónica...

Sou desperta pelo som de uma voz de fundo, e percebi que devo ter dormitado. Abri um olho, mas estava tudo turvo. *Bolas! As lentes de contato!* Só me faltava esta!

— Hum, sim...? — Tentei levantar-me para falar com a pessoa olhos nos olhos, para ao menos tentar perceber quem era, já que só me aparece um borrão à frente.

— Estás bem? Pareces um pouco pálida. — Quem quer que fosse, agarrou-me pelo braço para me amparar. Devo estar a fazer uma rica figura. Tentei aproximar-me mais um pouco para desvendar o dono da voz, mas só consegui ver uma placa. Como se não bastasse a situação caricata, eu ainda encosto o nariz à bata do médico.

— Artur? — Ousei perguntar, sendo que me pareceu ser o que estava escrito na placa. *Como é que sabe o meu nome?* — Dr. Artur?

— Sim! Não te recordas de mim? — Sentou-se ao meu lado e agarrou-me na mão. Tentei tirá-la, mas ele agarrou-a com firmeza.

— Na realidade... — Tivera um colega de escola que nunca socializava muito connosco porque estava sempre a estudar, ambicionando ser médico.

— O que estás aqui a fazer? Está tudo bem contigo? — Continuou a fazer pressão para que me soltasse, mas sem êxito.

— Eu sou médico neste hospital. Estive a tratar da Dona Hermínia. Achei que querias saber notícias.

Sentei-me direita e alerta, alheia ao facto de se ter tornado médico.

— Como é que ela está? Está bem? Diz-me que está bem, por favor! — Virei-me, na tentativa de agarrar-lhe o braço, mas as lentes continuavam a não colaborar.

— A bacia está deslocada e existe uma fratura no fémur. Vai precisar de fisioterapia e de muito apoio. Na idade dela a recuperação é bastante lenta.

— Credo! E agora? O que vai ser dela? Posso vê-la? Está consciente?

— Nós sedamo-la para que descansasse. Realizamos alguns procedimentos. Tens de ter muita força, porque ela vai precisar de se apoiar em alguém forte.

— Isto não podia ter acontecido, não com ela — suspiro. — Fica

descansado, estarei lá sempre para o que precisar. — Em todo tempo, ele nunca me largou a mão, e, honestamente, já nem me importava.

— Sabes como é que foi a queda? O que é que aconteceu? — perguntou-me através daqueles belos olhos verdes. *Verdes! OK*, em algum momento comecei a ver bem e com a pressa de saber a situação da Dona Hermínia, nem me dei conta.

— Não faço ideia. Ela ligou-me, mas só consegui ouvir a voz dela, já fraca.

— Certo! Já agora, desde quando és neta dela? — Sorriu-me e questionei-me onde andaria eu no secundário que não reparara no quão atraente ele era.

— Afeiçoamo-nos uma há outra de tal forma que na realidade é como se fosse neta dela, entendes?

— Sim! Pensei foi que... Nada esquece. — Entendi bem o teor das suas palavras, mas não dei abertura para essa conversa.

— Quando é que posso vê-la? Vai ter visitas? Não a posso mesmo ver hoje?

— Agarrei-lhe a mão com mais força, querendo por tudo uma resposta positiva.

— Não, hoje não. O teu número é o que se encontra na folha de emergência, certo? — Assenti. — Quando ela acordar e estiver em condições de receber visitas, contacto-te. Até lá, o melhor é ires para casa descansar. — Dei-me por vencida, levantei-me e peguei na mala, mas o *stress* acabou por tomar conta de mim e senti uma tontura tão grande que tive de voltar a sentar-me, mas não sem antes de ele conseguir amparar-me. — Quando é que foi a última vez que comeste?

— Não sei, mas penso que foi ao jantar. O qual acabei por vomitar. O dia de hoje não me tem corrido muito bem. Aliás, antes pelo contrário. Tinha acabado de entrar para um banho relaxante quando ela me ligou.

Artur acenou com a cabeça e sorriu. Constatei-lhe a preocupação nos olhos e percebi que aquilo de que mais precisava naquele momento era ter energia para voltar para casa. Não me apetecia falar mais. Todos os membros estavam a esgotar-se.

— Vou-te buscar qualquer coisa lá dentro para comeres. Não posso deixar que saias daqui nesse estado. Ordens de médico. — Piscou-me o olho e saiu, sorrindo.

Voltei a recostar-me na cadeira e fechei os olhos. Senti que o corpo entrou em colapso, e não conseguia formular um pensamento coerente. O meu cérebro andava a dar sinal de cansaço extremo, já há algum tempo, e por acreditar que conseguia lidar com tudo, tinha-o negligenciado. Todo o *stress* estava a deixar-me em baixo. Se havia coisa a que eu não me permitia era deixar o *stress* derrotar-me. Sempre fui uma pessoa que conseguia lidar com tudo, encaixar tudo, fazer tudo funcionar.

Não me posso deixar abalar e ter um esgotamento, não agora, não quando a Dona Hermínia mais precisava da minha ajuda. Há anos que a ajudo com a casa, o jardim e com as tarefas dela. A rotina era sempre a mesma. Após o trabalho dirigia-me a casa da Dona Hermínia, apesar da insistência dela de que conseguia dar conta do recado. A minha resposta era sempre a mesma, que era eu quem precisava da companhia dela.

Não estava pronta para deixar estes momentos. A Dona Hermínia era a única família que tinha aqui. A minha mãe, depois de se casar, foi com o atual marido para o Brasil. Fiquei feliz por ela, e apesar de já ser maior de idade e de trabalhar, senti que uma parte de mim foi com ela, por isso, acabei por encontrar conforto e companhia na casa da minha vizinha. E se já gostava dela, esta proximidade tornou a nossa relação mais forte. Agora, era a minha vez de retribuir. Era a minha vez de ajudá-la. Ouvi passos a aproximarem-se e tentei parecer mais recomposta. Apertei ao de leve as bochechas, de forma a tentar ganhar um pouco de cor e sentei-me mais direita. Queria mostrar outra postura. Quando abri os olhos, percebi que a minha tentativa foi em vão. Pela expressão dele, quase adivinho que devia estar ainda mais pálida.

— Tens aqui uma sandes. Foi o que consegui a esta hora. Come, para ver se ficas melhor. — Voltou a sentar-se a meu lado. Mal peguei na sandes devorei-a em menos de nada.

— Com que então, médico! Consequiste, parabéns!

— Obrigado! Sempre lutei muito por isto.

— Espero que tenha valido a pena tanto esforço. Quase nem saías de casa. Estavas sempre a estudar, estudar e estudar.

— Sim, valeu a pena. Mas agora, vejo que exagerei. Na altura só pensava nisto e não via o que andava a perder. Há coisas que não voltam, mas hoje permito-me fazer mais coisas.

— Ao menos realizaste o teu sonho. — Pisquei-lhe o olho. Talvez se criasse um clima de maior intimidade entre nós, as coisas não me parecessem tão difíceis. Precisava desesperadamente de um pouco de colo, por mais que me custasse a admitir. Bastava-me uma palavra de amparo, mesmo que fosse de alguém que já não via há não sei quantos anos. Sentia-me à beira do precipício e precisava de um pouco de suporte.

— Preciso de falar contigo sobre outro assunto. — O tom que usava assustou-me e dei graças ao facto de ter esperado que terminasse de comer, porque voltei a sentir-me sem chão, como se estivesse a cair. — Ela vai precisar de cuidados mais permanentes do que aqueles que lhe consegues dar. Além da fisioterapia, como já te disse, vai precisar de ajuda para se mexer. E não serão apenas algumas horas por dia. Ela vai precisar de apoio constante.

Abri a boca para argumentar, mas ele levanta a mão. Reparei na determinação e compaixão presentes no seu olhar, e não sabia a qual me agarrar. Naquele momento precisava de algo que desse a sensação de segurança, que fosse uma âncora e que me desse a força necessária para aguentar a corrente deste mar tempestuoso que se avizinha.

— Deixa-me terminar, depois colocas as questões. — Olhou-me fixamente, com ternura, e voltou a agarrar-me na mão. — Certos tratamentos, que acho que a vão ajudar bastante, têm de ser feitos fora daqui. — Deu-me uma festa na mão. — Infelizmente não temos os recursos necessários, por isso, e conhecendo-te como conheço, sei que não vais desistir de lhe dar o melhor. Acho que o melhor é contactares o parente mais próximo dela, para que ele possa ajudar.

Senti-me a cair por um precipício até mergulhar, diretamente, num mar de água gelada, onde afundava cada vez mais, pois não me conseguia lembrar de como se nadava. Deixei-me afundar, sem respirar e sem forças para que conseguisse levar-me à tona. Era como se tivesse paralisado ao ouvir as palavras do Artur. Não estava a conseguir processar esta informação. Se o dia não me estava a correr bem, acabava de piorar drasticamente. Não iria entrar em contacto com ninguém, muito menos com ele.

Em menos de nada, passei de gelada a vulcão prestes a entrar em erupção. Não sabia que ainda mantinha uma réstia de força, mas pelos vistos continha alguma escondida. Tentei falar com toda a calma que conseguia, tentando mostrar, ou pelo menos transparecer, que era uma adulta madura para lidar com o assunto.

— Eu consigo! Eu vou arranjar forma, mas consigo. Não há necessidade de falarmos com outras pessoas.

— Mónica, os tratamentos são caros. São longe. E mesmo que assim não fosse, ele tem o direito de saber o que se passa com a avó. É a família dela.

— Família que não a vem ver? Que liga, apenas? Que há mais de dez anos, DEZ, que não vem cá? Achas que mandar dinheiro é forma de ajudar? Garanto que não é! — Sabia que a minha raiva não tinha como fundo de verdade o facto de ele não a vir ver. Eram as minhas emoções que me estavam a toldar o discernimento e acabei a pensar mais em mim do que na Dona Hermínia. O Artur também se apercebeu, via-se pela expressão compassiva dele. Tentou manter-se o mais calmo e profissional que lhe foi possível.

— Entendo o que estás a dizer, mas pensa bem. Ela vai precisar de ajuda. E tu sozinha, não vais conseguir dar conta de tudo. Sei que queres ajudar, mas não somos mais fracos por pedir ou até aceitar ajuda. — Descaí a cabeça para trás, tentando pensar com clareza, mas o meu cérebro só conseguia processar

um sentimento: raiva. Se houve alguma espécie de sentimento diferente a querer saltar cá para fora, coloquei-lhe automaticamente uma rolha para que ficasse quieto. Não estava a conseguir lidar com o que sentia, nem colocar de parte alguns sentimentos que lutaram para vir à superfície.

— Neste momento não consigo pensar em nada. — Fechei os olhos. Encará-lo agora era como encarar tudo aquilo que acabara de ouvir.

— Dá-me o contacto. Nós falaremos com ele, explicaremos toda a situação. Falaremos do estado dela e dos cuidados de que precisa. Não precisas de falar com ele.

— *Ok*, é melhor assim. Mas também não tenho o contacto. Preciso de ver na agenda da Dona Hermínia.

— Faz isso, sim? E manda-me o número por mensagem ou então liga-me. Qualquer coisa que precisas, liga-me. Estou aqui para ajudar no que precisares.

— Obrigada, a sério. Estás a ser bastante simpático, não precisas de te preocupar. Já deves ter com o que te preocupar.

— Além de médico, sou um ser humano, Mónica. Sei ver quando outra pessoa não está bem. Faz-me um favor, vai para casa, come e dorme um pouco. Precisas de descansar, corpo e mente.

Eu sabia que o Artur tinha razão, mas também me conhecia para saber que quanto mais cheia tinha a cabeça, mais dificuldade tinha para relaxar. Parecia que as informações caíam em catadupa e não as conseguia travar. Sempre fora assim e com o tempo nada se alterara. Mas não lhe daria mais motivos para se preocupar. Já parecia cansado o suficiente. Agradei-lhe e fui-me embora para casa. Pelo caminho parei numa farmácia para comprar algo que me ajudasse a dormir melhor.

Capítulo 3

Marco



Estava a meio de uma reunião quando recebera a chamada. De início ignorei. O toque insistente acionou uma espécie de alarme no meu cérebro. Não conhecia o número, mas pedi licença e atendi. Quebrara uma das regras a que me impunha, mas alguma coisa me dissera que tinha de atender. E ainda bem, porque o meu instinto estava certo. A meio da viagem de avião, que havia sido bem complicada de conseguir, devido à marcação em cima da hora, finalmente consegui descansar um pouco para alinhar os pensamentos. Se é que isso era possível com o cérebro a funcionar a mil há hora. Deixara tudo organizado antes de sair e acabara o trabalho em pleno voo. Se havia coisa em que não podia falhar era no trabalho e no compromisso com a empresa, não quando lutara tanto para chegar onde chegara. Agora era encontrar forma de trabalhar há distância, pelo menos nos primeiros tempos. No entanto, os pensamentos eram direcionados para um único lugar: onde tudo começara. Ao lugar de onde tinha vindo e à pessoa que me criara.

Não queria dar voz aos meus sentimentos e trazer de volta todos os problemas e dúvidas que me davam a volta à cabeça. Mas eles insistiam em romper a barreira e sair, assim percebi que certos assuntos ou sentimentos não estavam fechados, estavam apenas adormecidos. O receio continuava a ser igual ou maior após este tempo todo. Dez anos... dez anos desde que saíra de casa para estudar e não voltara. Nem uma única vez. Quis manter-me afastado apesar de tudo o que me prendia. Ligava todos os dias à minha avó, via-a pelo *Skype*. Houve uma altura em que ela me pedia insistentemente para aparecer, nem que fosse de férias. Queria que a visitasse para me poder abraçar e tocar, e eu sempre dissera que não. Pedia que fosse ela ter comigo, até lhe comprara passagens que devolvera sempre com a mesma nota: “*Não vou, vem cá tu.*”

Por mais que insistisse, por mais que a tentasse convencer a vir conhecer a cidade onde agora vivia, ela nunca viera, como eu nunca voltara a casa. Somos demasiado teimosos para nosso próprio bem. Mas, agora via que devia ter cedido.

O meu coração batia feroz no peito pela ansiedade com que estava. O suor pingava-me pela testa abaixo, não conseguia manter as mãos quietas, ora batendo no acento, ora mexendo no telemóvel. Sentia-me vazio. O turbilhão de emoções que se apoderou de mim fez-me sentir tonto e sem saída. Tinha de dar tudo de mim, pois agora, ela ia precisar de mim como um dia eu precisei dela.

Apanhei um táxi à saída do aeroporto. Logo alugaria um carro, se assim precisasse. Duvidava que ela tivesse mantido a lata velha que me ofereceu pelos meus dezoito anos, por saudade ou respeito.

O caminho estava diferente daquilo que recordava. Onde outrora via-se montes e vales verdejantes agora viam-se o que parecia serem hotéis. Lembrava-me, enquanto criança, de correr pelos campos verdes e humedecidos pela geada do inverno, e dourados e quentes no verão. Agora, invés desses campos, existiam casas, lojas e mais uns quantos edifícios. Os caminhos de terra batida já não existiam, havendo agora calçada e estrada. O centro da vila, quase nem o reconheci, a câmara antes ladeada apenas por um ou dois cafés, era agora engolida por lojas de artesanato, cafés, bares e mercados, passando completamente despercebida, pela sua simplicidade no meio de tanta cor e luz.

Passara demasiado tempo fora. A minha vila, a minha aldeia evoluíra, mudara. Como eu também mudara, como eu também evoluíra. À medida que o táxi avançava, dei por mim a suar. O caminho tornou-se familiar e há medida que me aproximava de sítios que frequentava e da casa da minha avó, o suor intensificou-se. Os nervos começaram a tomar conta de mim e agarrei com força as calças de ganga que vestia. A minha postura, a olhar pela janela, era rígida e tensa, sentado demasiado direito, num acento bastante duro e já a roçar o gasto. Nunca fora de ficar nervoso com novidades ou novas experiências, mas talvez por não ser algo novo, parecia que nem sabia como estar sentado. Sentia-me um estranho na terra que outrora chamara minha. Quando o táxi virou para a rua onde crescera, o meu mundo congelou. As mudanças existentes que me acompanharam desde que cheguei à vila, pareciam não ter afetado de forma alguma o local onde crescera. Sentia-me numa espécie de limbo, onde o passado e o presente se fundem. A minha infância e adolescência estavam ali. Dez anos depois, aqui estava eu, um homem feito.

O táxi parou à porta. A casa permanecia igual, a sensação de que o tempo não passou, invadiu-me. A fachada pintada de amarelo que fazia competição com o Sol, o alpendre apinhado de plantas, de diversas formas e tonalidades. As janelas sempre abertas convidavam o ar a entrar, e os mosquitos, diga-se de passagem. A cadeira de baloiço onde me deitara tantas noites a fio, a ouvir

a minha avó a contar-me histórias. Onde adormecia após uma terrível bebedeira. Os arbustos que a minha avó teimava em não cuidar, continuavam a ser uma companhia até à porta. Como ela dizia, o caos também fazia parte da vida e tínhamos de saber viver com ele. Fiquei estagnado, o meu corpo não queria colaborar, fiquei perdido nas memórias até o taxista me chamar para lhe pagar a quantia da corrida.

Após observar o táxi desaparecer, dirigi-me ao terceiro vaso à esquerda. Sorrio. A minha avó sempre fora uma mulher de hábitos. A chave continuava no mesmo sítio. Ao pegar-lhe, uma nostalgia invadiu-me, parecia um convite, como se ela soubesse que um dia eu voltaria. Meti-a na porta, mas não fui capaz de a girar, como se aquilo simbolizasse um ponto sem volta. Inspirei, ganhei coragem, afastei os pensamentos e rodei a chave.

Ao abri-la, pisquei os olhos inúmeras vezes, mas a visão continuava a pregar-me partidas. Continuei estático, parado na soleira da porta. Os pés recusavam-se a mexer, as pernas não me obedeciam. Quando consegui voltar à realidade, tornei atrás para me certificar que era a casa certa, inclusive se era o vaso certo. Depois de tanta hesitação senti-me um peixe fora de água. Tudo estava diferente. Onde existia uma decoração simples e monocromática, agora existia uma panóplia de cores, formas e objetos. O antigo sofá branco, que tantas vezes sujara com chocolate e mais tarde com cerveja, estava coberto por uma manta em tons de roxo e verde. Até as almofadas — almofadas no sofá, que a minha avó sempre dissera serem um desperdício, pois ocupavam o nosso espaço —, agora não acabavam.

Ao observar o outro lado, reparei que a minha avó decidira criar uma minifloresta dentro de casa. O tapete possuía um padrão repleto de cornucópias das mais variadas cores. As paredes estavam pintadas cada uma de cor diferente. Passei demasiado tempo fora, mas aquilo era uma mudança demasiado brusca para mim. Deixei a mala na entrada enquanto percorria as restantes divisões.

A cozinha estava agora aberta para a sala, fazendo com que o espaço duplicasse. Sentia saudades da casa como era, mas não podia negar que assim tornava-se mais prática. A única coisa que continuava igual era a desordem na cozinha. Aquela mulher nunca fora organizada na vida e mesmo quando tentava arrumar a casa parecia que tinha passado um furacão. Eram caixas, pratos, tudo o que se possa imaginar na bancada. Assim sabia sempre onde estavam as coisas.

Olhei para as escadas que levavam até ao primeiro piso. Será que ela também mudou o meu quarto? Com as mãos a tremer com a expectativa do que podia encontrar, comecei a subir os degraus, dois a dois. Parado em frente à

porta, agarrei na maçaneta, mas parei. Queria mesmo saber? Eu não queria que ela tivesse mudado nada, precisava de sentir que aquele quarto sempre fora e continuaria a ser meu, por mais egocêntrico que pudesse parecer. Rodei a maçaneta e expeli o ar preso. Não me tinha dado conta que estava a sustentar a respiração.

O quarto estava exatamente igual como o deixei, trouxe-me de alguma forma paz, uma espécie de conforto. Entrei e sentei-me na cama. Fora ali, naquele quarto, que havia chorado, rido, explodido. Que havia escondido as emoções. Sorrio, ao recordar. As lágrimas vieram aos olhos ao recordar a parvoíce que fizera. Não devia ter deixado passar tanto tempo. O medo fora meu inimigo. O medo e a vergonha. Nunca quisera voltar, porque o receio de encará-la após tudo o que fizera era maior. Não soubera enfrentar as consequências das minhas ações. O que seria feito dela? Onde viveria, o que fazia? Uma parte de mim queria revê-la, porém, a outra parte queria fugir. A cobarde, é claro! Estava na hora de enfrentar as responsabilidades dos meus atos.



Capítulo 4

Marco

Acordei cansado. Entre sonhos e recordações, o colchão também não me deu tréguas. Não me recordava de ser tão duro. Levantei-me e segui em direção ao banho, do qual precisava urgentemente. Após o banho e um bom pequeno-almoço, seguiria para o hospital. Estava a sair da casa de banho quando o som vindo claramente do piso inferior chamou-me a atenção. Estagnei e enrolei a tolha à cintura. Que me lembrasse mais ninguém possuía a chave de casa, a não ser que a minha avó a tivesse dado a alguém. O melhor era descer e averiguar, não fosse estar a ser assaltado.

Desci as escadas, vagaroso, para ser o mais silencioso possível. O barulho provinha da cozinha. Continuei a descer devagar, pronto para um eventual ataque. Diversos cenários passaram-me pela mente, mas nunca imaginara que era eu quase a ter um ataque de coração. De cabeça enfiada na máquina de lavar loiça estava uma mulher, envergando uns calções bem curtos, pouco abaixo das nádegas perfeitamente esculpidas, mostrando umas pernas morenas de uma tonalidade bronzeada e bem torneadas. Encostei-me à parede, deleitado com as curvas da bela morena. A blusa curta permitia-me observar-lhe as costas. Não que fosse tarado, mas algo dentro de mim queimou e comecei a imaginar-me a percorrer-lhe o corpo com as mãos, para verificar se era tão sedosa e macia quanto parecia.

A mulher começou a rebolar a anca ao som da música que passava na rádio, mas confesso que estava embrenhado demais naquelas curvas para saber qual era a música. O sangue desceu-me imediatamente até ao baixo-ventre. Se era a empregada de limpeza que a minha avó contratara, tinha de lhe dar os parabéns. O cabelo caía-lhe para um dos lados, uma cascata castanha, realçando o dourado da pele. Não conseguia sair dali, já imaginava mil cenários quando a mulher se voltou. Não sei quem apanhou o susto maior. O choque que senti ao olhar fundo naqueles olhos, fez com que o meu coração abrandasse. Todo o meu corpo se retesou, ficando estático, ao vê-la ali. Reconheceria aqueles olhos estivesse onde estivesse. Os olhos da minha infância, os olhos cor de chocolate que durante a adolescência me haviam levado à loucura. O seu

olhar de choque depressa se tornou duro e matador. De semblante franzido, os olhos semicerrados fixos em mim, eram um misto de emoções que fizeram o coração dentro do meu peito bater descompassado.

Ninguém falou durante uns bons minutos. Estávamos fixos um no outro. Não parei de deixar de notar o quão bela se tornou. A adolescente que eu conhecera tornara-se numa das mais bonitas mulheres que já vira. Aquela boca carnuda era uma luxúria completa. Demorei-me a apreciá-la, mais do que devia. A sua postura mudou e olhou-me de forma bastante inquisitiva, cruzando os braços em torno do peito e erguendo o queixo em desafio.

— O que estás aqui a fazer? — O tom da sua voz fez-me sentir um aperto no peito. Raiva e mágoa misturados.

— Se bem me lembro, esta casa é da minha avó. Talvez devesse ser tu a dizer-me o que estás aqui a fazer? — Encostei-me à parede, não deixei de reparar que os seus olhos desciam pelo meu peito, parando por segundos na toalha envolta da cintura e voltaram a subir. Podia jurar que vira uma centelha de prazer. Não podia negar que mantinha o corpo em forma.

— Vim ver como estava a casa. Não sabia que estavas aqui. Como é óbvio, nunca teria entrado. — Estava na defensiva, era natural. Precisava de quebrar o gelo, a distância que eu próprio colocara entre nós.

— Não fazia ideia de que a ajudavas com a casa. Aliás, pelo que vejo, muito mudou enquanto estive fora. — Varri a divisão com o olhar.

— Presumo que tenhas vindo para saber como é que ela está. Acredito que voltarás assim que a rotina volte. Afinal, é o que sabes fazer melhor: fugir. — As palavras foram duras, deixando o meu peito apertado, mas não iria mostrar que me atingira.

Dei por mim a aproximar-me dela, estávamos a poucos milímetros um do outro. Sentia o calor que irradiava do seu corpo. Olhei-a bem fundo nos olhos e reparei que estava a deixá-la transtornada. O brilho e o fulgor que irradiavam fez-me sentir à beira da explosão. Todo o meu corpo aqueceu na sua presença.

Senti vontade de espicaçá-la mais um pouco. Dei mais dois passos, o corpo quase colado ao dela. O facto de quase tocar-lhe, deixava-me louco. Qual seria a reação dela? Existiria algo mais por baixo daquela capa de durona? Os seus olhos faiscaram e o ritmo da respiração aumentou. Ela nunca fora fácil e não iria desarmar assim. Aquele mau feitio e o carácter forte foram duas das coisas que mais me fascinavam nela.

— Se estás a insinuar que não me preocupo com a minha avó, que não quero saber dela, é porque deixaste de me conhecer. — Os olhos dela semicerraram. Se me pudesse matar aposto que o teria feito.

— Não me lembro de te mostrares muito preocupado com ela nos últimos, deixa ver... DEZ ANOS?

— Não é por não ter estado fisicamente presente que não me preocupo. Devias saber que ela sempre foi, é, e continuará a ser uma das pessoas mais importantes da minha vida. — O ar crispava entre nós. Sentia as fagulhas a incendiarem tudo em nosso redor, mas queria aquele fogo. Preferia combater o fogo ao gelo. Precisava daquele confronto para saber que ela ainda continha sentimentos por mim, fossem eles quais fossem.

— O que eu sei, Marco, é que não é o teu dinheiro que a ajuda. Quantas vezes ouvi ela a pedir-te para a vires ver? E tu? Só pensaste em ti e nunca vieste... porque pensar em ti, tornou-se, se é que alguma vez foi diferente, a única forma de amor que conheces. — Agarrei-a com mais brusquidão do que aquela que pretendia, puxando-a com força para junto de mim, enraivecido.

— Entendo que devido ao que fiz, penses assim, mas nunca duvides do amor que sinto pela pessoa que me criou. Pela pessoa que me mostrou o que era ter uma família. E disso, tenho a certeza, absoluta até, que sabes que não minto. Ela é a minha vida. — Larguei-a da mesma forma que agarrara. Dirigi-me à sala, contigua à cozinha, calcorreando o espaço. A rapidez dos meus passos servia apenas para colmatar a dor que me ardia no peito. Fechei os olhos, deambulando e voltei a ir ter com ela.

— Falhei contigo, e eu, mais do que outra pessoa, sei disso. Fui cruel contigo, magoei-te, talvez mais do que a qualquer outra pessoa e isso provocou em ti esse gelo que agora vejo. — Voltei-me para a encarar. Queria, precisava que ela me escutasse. Não queria que fosse desta forma, mas o momento surgiu e não iria deixá-lo fugir. — Mas o que eu fiz, nunca foi com a intenção de te magoar. Acredites ou não, queria te proteger.

— Proteger? Esquece! — Abanou as mãos no ar num gesto que denunciava não querer tocar no assunto.

— Sim, proteger. Dá-me uma oportunidade de me explicar...

— Não há nada que possas dizer que mude a minha forma de pensar. Se gostas assim tanto dela, se vieste por causa dela, sabes onde te deves dirigir. Enquanto aqui estiveres não volto a esta casa. Não quero te ver, não quero falar contigo.

— Um dia vais ter de falar, Mónica. Talvez mais cedo do que julgas.

Não obtive qualquer resposta. A única reação que obtive foi a ausência dela, pegou na mala e o eco da porta a fechar surgiu-me aos ouvidos.

Capítulo 5

Mónica



Atentar convencer-me, bastante audacioso, de que fora tudo para meu bem. Como ousara insinuar que fora tudo para me proteger!? E porque teria o coração disparado mal o vira? Parei o carro na berma da estrada. Não conseguia pensar com clareza, nem ver, pois as lágrimas que me escorriam pela face toldavam-me a visão. Senti-me fortemente abalada ao voltar a vê-lo. As lágrimas escorreram, passando a linha do queixo, contornando-o e descendo pelo pescoço. Ele voltara e em poucos minutos conseguira que libertasse todas as dúvidas e sentimentos que mantivera aprisionados nos últimos anos. Não havia desculpa para o que ele fizera, clamando proteção. Estava completamente tensa, sentia os membros rígidos, sem reação. Precisava de me acalmar para conseguir sair dali e ir para casa. Encostei a cabeça ao acento, respirando fundo e senti o cheiro dele. O cheiro a sabão, calor e madeira que ele emanava ficara preso dentro de mim, desorientando-me. Reagi instintivamente, tremendo e aquecendo apenas com a breve recordação da sua presença. Nunca pensei que fosse sentir esta dualidade de sentimentos, este misto de emoções. Voltar a sentir o cheiro dele fizera com que voltasse atrás no tempo e recordasse de tudo o que passáramos juntos, e ao mesmo tempo, de tudo aquilo que queria esquecer.

Ergui a cabeça e decidi não deixar que ele me transtornasse. Tinha pensado em visitar a Dona Hermínia e ainda tinha de passar em casa, trazer algumas coisas que comprara para lhe levar. Retirei um espelho da mala, limpei a maquiagem borrada e ajeitei o cabelo. Rodei a chave e liguei o carro, entrando na estrada. Segui o meu caminho em direção a casa, por momentos aliviada e satisfeita comigo mesma.



Ao entrar no hospital deparei-me com o Marco, em pé, de mãos nos bolsos e descontraído. Bolas! A tranquilidade tinha acabado e a minha paciência estava no limite. Não conseguia garantir uma explosão a qualquer momento.

Parada ainda à porta do hospital, na dúvida se deveria me dirigir até à recepção, cometi o erro crasso de esgueirar o meu olhar para ele. Os seus olhos verdes estavam intensamente fixos em mim. Estávamos distantes, mas parecia que o calor que irradiávamos tocava-me a pele. Sentia todo o meu corpo a arder. Com um sorriso sedutor, Marco percorreu-me o corpo com o olhar, sorrindo mais à medida que avançava. Um arrepio percorreu-me a lombar, fazendo-me tremer.

Senti-me embaraçada pela minha própria reação. Mesmo assim, não deixei de reparar na intensidade do seu olhar, na largura dos seus ombros, enaltecendo a cintura estreita, realçando as pernas longas e grossas... não pude deixar de corar.

Empertiguei-me ao tomar consciência da minha atitude leviana e dirigi-me a ele. Não iria dar parte fraca e coloquei o meu sorriso de boas maneiras.

— Olá! Já falaste com algum médico?

— Não, estou à espera de que apareça alguém com notícias. Na recepção não me deram informações, sendo que as mesmas só seriam dadas à neta. — O olhar dele continuava pregado em mim, agora sorrindo de orelha a orelha, e eu a corar cada vez mais. — Casamos e eu não sabia? Tive de comprovar que legalmente sou o neto.

— Só dão informações a familiares, tive de dizer que era a neta. Posso não ter o mesmo sangue, mas sou da família dela. — Senti-me exasperada por ele agir com desembaraço e juncoso.

— Agradeço-te do fundo do coração, tudo o que fizeste por ela enquanto eu estive fora. Foste a neta que eu não soube ser. Deste-lhe o amor, o carinho, a atenção que eu não dei. E não existe nada que pague isso. — O olhar dele tocou-me, parecendo-me sincero. Levei a mão ao cabelo e despenteei-me toda. Um gesto que não lhe passou despercebido.

— O mesmo hábito, passado tanto tempo? Quando ficavas nervosa começavas a despentear-te. Sempre gostei mais do teu cabelo revoltado do que esticado. — Olhei para ele de lado. Ficara emocionada por ele se lembrar que nem me apercebi que estava a sorrir, mesmo que sorrateira. — E desse sorriso, ainda senti mais falta.

Marco tinha o dom da palavra. Sempre soubera manipular com uma simples frase, levando-nos a acreditar em tudo o que dizia. Fiquei indignada comigo mesma por estar a deixar-me influenciar pela sua conversa.

— Sentiste falta? — Um sorriso de desdém aflorou-me o rosto. — Marco, não quero, nem vou ter esta conversa...

— Havemos de ter esta conversa, mas não vai ser aqui. Havemos de encontrar o sítio certo, na hora certa.

— O bem-estar da tua avó é, doravante, a única conversa que teremos. — Encarei-o, tentando intimidá-lo.

— Existe apenas um problema, Mónica. É que eu percebi hoje, que não quero, nem vou afastar-me. — Desencostou-se da parede colando-se mais a mim. Os batimentos do meu coração dispararam, a minha respiração acelerou.

O ar começou subitamente a ficar pesado e eu já nem sabia o que fazer com as mãos, ora as levantava como se lhe fosse tocar, ora as colava às pernas. Estava de tal modo entorpecida que mal senti a sua mão nas minhas costas. Sobressaltei-me. Voltar a sentir o toque dele, mesmo que levemente, fez-me tremer e desejar mais.

Fechei os olhos e respirei fundo. Colei as mãos ao seu peito e empurrei-o, na tentativa de me afastar. Em vez disso, acabei com o corpo completamente colado ao dele, ouvindo o bater descompassado do seu coração. Perdi a noção de quanto tempo permanecemos estáticos, nos braços um do outro. Ao ouvir chamar o meu nome, afastei-me abruptamente.

— Mónica! Ainda bem que vos encontro. Trago novidades. — O Artur chegara junto de nós com passadas céleres. — Marco, certo? Fui eu que falei contigo.

Estenderam as mãos, cumprimentando-se. Esperava que o Artur não se tivesse apercebido da tensão entre nós, acreditando que o abraço era meramente fruto das emoções pela Dona Hermínia.

— Sim! Artur Gonçalves? O gênio da escola? Pensei que não nos iríamos voltar a ver.

Abanei a cabeça ao reparar que ainda fixava o Marco. Precisava de parar de olhar para ele, inclusive para dentro da camisa preta, ligeiramente aberta. Conseguia perceber os abdominais vincados e definidos naquela pele morena. Não sei quanto tempo durou o meu devaneio, mas quando dei por mim a lamber os lábios e o olhar confuso de ambos pregados em mim, percebi que perdera alguma coisa importante.

— Estás bem? Ouviste o que falamos, Mónica? Comeste alguma coisa hoje? — O Artur aproximou-se e tocou-me ao de leve na face. Sorri-lhe para tentar sentir alguma coisa, mas nada. Venham daí esses calores se faz favor!

— Acho que ela está só cansada, Artur. Os últimos dias têm sido demasiado intensos. Certo, Mónica? — O tom meloso como dissera o meu nome, despoletou uma ira enorme dentro de mim, por me sentir tentada com a provocação.

— Sim, ando cansada. Comi bem, Artur, obrigada pela preocupação. — Levei a mão ao braço deste, querendo dar-lhe a devida atenção. — O que perdi da conversa?

— Estava a dizer que ela está estável. Já está acordada, mas temos de voltar a fazer um raio x para verificar o estado da fratura na anca, mas dentro de dias deverá ter alta. Estava inclusive a dizer que podem vê-la, apenas tenham precauções. Não quero que ela se exalte ou tenha emoções fortes. O estado é estável, mas a idade já é alguma.

— Ótimo! Acho melhor o Marco ir primeiro, sendo ele o neto. Eu sou apenas a neta emprestada. — Sorrio, olhando-lhe de forma provocadora. — E nós podemos ficar aqui a conversar um pouco. Preciso de esclarecer algumas coisas, pessoais — enfatizei bem esta parte e olhei de soslaio para o Marco, que sorria de orelha a orelha, completamente desinibido.

— Claro, por mim tudo bem. Vou ver a minha avó, mas amor, depois diz-me o que é o jantar, há tanto tempo que não como nada feito por ti. — Deu-me um beijo na face, junto aos lábios. Virou costas e saiu, deixando-me espedada a olhar para ele, ainda agarrada ao braço do Artur.